

Jazz

10 Dezembro 2010

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Zul Zelub + Eddie Prévost

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Jorge Lima Barreto
Computer music, kima x Jonas Runa
Bateria, percussão Eddie Prévost

Sex 10 de Dezembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h00 · M12

Será inevitável encontrar um paralelismo entre as longas carreiras de Jorge Lima Barreto e Eddie Prévost. Duas figuras históricas, dois pioneiros das músicas experimentais e improvisadas, Barreto e Prévost revolucionaram, cada um à escala do seu país, o panorama musical com os seus projectos e cada um deles deixou um impressionante legado às gerações que se seguiram. Ambos nasceram na década de 1940 (Prévost em 42, Barreto em 49), ambos alicerçaram personalidades musicais muito particulares, em caminhos muito definidos, quer a título individual, quer através das contribuições para projectos colectivos. Terá sido, contudo, através dos projectos partilhados que Barreto e Prévost mais se notabilizaram.

Barreto foi mentor dos Telectu, projecto partilhado com Vítor Rua, que foi a grande referência da música experimental portuguesa, sempre a explorar, revolucionar, provocar, expandir horizontes sonoros. O projecto nasceu em 1982, formado para a II Bienal de Arte de Cerveira, tendo-se seguido actuações em espaços históricos, como o Festival de Vilar de Mouros e a Festa do Avante!. O primeiro álbum, *Ctu Telectu*, surgiu em Novembro desse ano, editado pela Valentim de Carvalho. A partir daí o duo desenvolveu uma fervilhante actividade artística ao longo de três décadas, que ganhou visibilidade quer ao nível discográfico (foram mais de duas dezenas de gravações editadas), quer a nível de actuações ao vivo (bem mais de uma centena de concertos). Mais do que a quantidade e a informação estatística, fica a irrequieta atitude, por vezes provocatória, de explorar a música nos limites. Fica também uma impres-

sionante lista de músicos convidados que colaboraram com o projecto luso, grandes nomes das cenas de vanguarda, da improvisada e das margens do jazz: Carlos Zíngaro, Saheb Sarbib, Elliott Sharp, Chris Cutler, Jac Berrocal, Sunny Murray, Paul Rutherford, Ikue Mori, Barry Altschul, Louis Sclavis, Paul Lytton, Evan Parker, Daniel Kientzy, Tom Chant, John Edwards, Gerry Hemingway ou John Butcher, entre outros. Mais do que *namedropping*, esta listagem de nomes reflecte a respeitabilidade internacional e a amplitude estilística que representou o projecto Telectu.

No caso de Eddie Prévost o seu nome fica eternamente associado ao grupo inglês AMM. Formado em 1965, inicialmente como trio, este grupo contou desde o começo com Prévost, Keith Rowe (guitarra) e Lou Gare (saxofone). Arrançou num formato aberto, espécie de workshop, onde outros músicos eram convidados a participar, fomentando sessões de improvisação. O grupo passou a quinteto, com os contributos adicionais de Lawrence Sheaff e Cornelius Cardew ao trio inicial, e o primeiro disco surgiu em 1966: *AMMMusic* (edição Elektra). O grupo continuou a actuar e a gravar, apesar da década de 70 ter registado parca actividade, devido a conflitos ideológicos entre os membros. Os AMM voltaram a desenvolver um trabalho mais intenso nos anos 80, numa altura em que o pianista John Tilbury se juntou ao grupo e o saxofonista Gare passou a colaborar apenas pontualmente. A década de 90 foi particularmente rica em gravações (sete, no total, a maior parte das edições através da Matchless Recordings) e na década seguinte o grupo voltou a

sofrer mudanças: em 2004 Keith Rowe abandonou o grupo, que passou a duo, mantendo uma activa política de colaborações. Da lista de colaboradores do grupo fazem parte nomes como Evan Parker, Christian Wolff, Sachiko M ou John Butcher, entre muitos outros (dispersos entre actuações ao vivo e gravações). O mais recente disco do grupo, *Sounding Music*, saiu já este ano, tendo o duo base Prévost/Tilbury o apoio de John Butcher, Christian Wolff e Ute Kangiesser. Em 2010 o grupo continua a explorar a improvisação livre, afastado do campo do *free jazz*, com o total abandono de conceitos musicais limitativos. Estas cinco décadas de contínua e abrangente actividade garantem aos AMM o rótulo de figuras tutelares da cena improvisada mundial.

As biografias de Barreto e Prévost não ficam contudo limitadas aos seus grupos. Os dois músicos desenvolveram também outros projectos, ora a solo ora em diversas parcerias. No caso do inglês, foram múltiplas as ocasiões em que partilhou palcos e gravações com músicos fora do universo AMM. Do longo rol de colaborações poderemos destacar alguns nomes, como Jim O'Rourke, Evan Parker, Barry Guy, Paul Rutherford, Marilyn Crispell, Veryan Weston, Max Eastley, Phillip Wachsmann, John Edwards, Tom Chant e Derek Bailey. O percussionista liderou também alguns projectos, por vezes próximos dos territórios jazz: The Eddie Prévost Band (no final dos anos '70, com Geoff Hawkins, Marcio Mattos e Gerry Gold), o Eddie Prévost Trio (formado nos anos '90, com Tom Chant e John Edwards) e um novo grupo, mais recente (com Alan Wilkinson e Joe Williamson). Além da

prática musical, Eddie Prévost fundou a editora Matchless Recordings, *label* que tem sido responsável pela edição da maior parte da obra dos AMM, mas que também tem apoiado a edição de outros projectos de música improvisada. O inglês tem mantido em simultâneo uma vertente académica, publicando artigos em diversas revistas (como *British Journal of Music Education*, *Contact*, *Contemporary Music Review* ou *The Wire*, entre outras) e apresentado colóquios como conferencista. No centro de todas estas actividades, sempre a improvisação.

A carreira de Barreto tem sido também diversificada, indo bem para além dos Telectu. A nível performativo, fundou em 1972 a Anar Band, projecto musical exploratório partilhado com Rui Reininho (agora vocalista dos populares GNR). Barreto teve também outros encontros musicais com diversos instrumentistas de relevo, entre os quais talvez seja justo destacar dois duos: o duo com o contrabaixista Saheb Sarbib que resultou no disco *Encounters* (edição Alvorada, 1977) e o duo com o violinista Carlos Zíngaro, que teve como resultado os discos *Kits* (Numérica, 1992) e *Kits 2* (Numérica, 2008). Além disto, Barreto desenvolveu em paralelo uma intensa actividade não-performativa, especificamente no campo da musicologia. Fundou, com Zíngaro, a Associação de Música Conceptual (1973) e tem publicado regularmente artigos (no total serão muitas dezenas, distribuídos por meios como *Jornal de Letras*, *Blitz* e *AllJazz*, entre outras) e entrevistas (Iannis Xenakis, Pierre Boulez, Karlheinz Stockhausen, Luciano Berio, Terry Riley, Karlheinz Stockhausen, Steve Reich,

Cecil Taylor, Anthony Braxton, foram apenas alguns dos entrevistados), para além de uma intensa actividade como conferencista. Tem uma grande obra publicada, com ênfase nos diversos campos da música, utilizando diversas abordagens: *Revolução do Jazz* (1972), *Jazz-Off* (1973), *Grande Música Negra* (1974), *Rock Trip* (1974), *Musiconimos* (1977), *Rock & Droga* (1982), *Droga de Rock!* (1984), *Música Minimal Repetitiva* (1990), *Nova Música Viva* (1993), *JazzArte* (1994), *O Siamês Telefax Stradivarius* (1995), *Música e Mass Media* (1996), *Musa Lusa* (1997), *b-boy* (1998), *Zapp* (2000), entre outros. Tal como em Prévost, o interesse de Barreto pela música leva-o a entrar em múltiplos campos de intervenção.

Para além das semelhanças biográficas, estes músicos têm uma história de encontros musicais, tendo Prévost acompanhado diversas actuações de Telectu. Foram várias as vezes que juntos actuaram ao vivo, nomeadamente na Festa do Avante! – um palco especial para os Telectu, que se tornaram aparição regular no programa. Na altura em que a editora Clean Feed, agora geralmente considerada uma das maiores editoras de jazz do mundo, estava a dar os primeiros passos, arriscou editar um disco triplo assinado pelos Telectu: *Quartetos* (2002). Prévost foi um dos convidados deste registo *all-star*, que juntou também Gerry Hemingway, Sunny Murray e Tom Chant. Os dois históricos voltam agora a cruzar-se nos caminhos da interacção musical. Prévost é o convidado especial na actuação do duo Zul Zelub, o novo projecto musical de Barreto, no ciclo “Isto é Jazz?” da Culturgest. O convite a Prévost surgiu

assim naturalmente. Barreto justifica a escolha do percussionista por se tratar de um “parceiro preferencial”, com uma história de mais de uma dezena de actuações em conjunto, e pela sua adaptabilidade à exigência do contexto musical.

Zul Zelub é o mais recente projecto de Jorge Lima Barreto, depois de definitivamente encerrado o capítulo Telectu. Nesta nova iniciativa Jorge Lima Barreto (piano, piano eléctrico) tem a companhia de Jonas Runa (laptop) e vai ter na Culturgest uma das suas primeiras apresentações ao vivo. O projecto foi fundado há três anos, tendo sido inaugurado oficialmente com um disco homónimo editado por Barreto através da Clean Feed. Esse disco apresentou a gravação do espectáculo a solo de Barreto no Jazz Em Agosto 2005, uma actuação em piano livre (Cecil Taylor, demónios avulsos e uma candura naïf, tudo ao molho) e rádio ondas-curtas (zumbidos electrónicos em fundo). A partir daí o projecto passou a incluir Jonas Runa, doutorado em música electrónica, com o objectivo de fomentar uma integração com a *computer music* – Barreto mantém a sua atenção nas teclas, mas Runa desenvolve em tempo real texturas sonoras que se interligam. Jorge Lima Barreto define este projecto Zul Zelub como “um imaginário poético no acto de compor/executar, na invenção, no imprevisito, na inspiração, na emocionalidade. É uma atitude conceptual radical, uma cibervagem”. O duo apresentou-se recentemente ao vivo no Museu do Chiado, no dia 29 de Julho, numa actuação comissariada pela promotora Filho Único. Neste concerto assistimos a uma confluência de linguagens, na procura de um sentido comum, tapetes

electrónicos em articulação com as voltas do piano (eléctrico, na ocasião). A esta união sonora vai juntar-se a percussão metódica de Éddie Prévost, com a sua impecável concentração e atenção ao detalhe. Com o seu kit de percussão Prévost irá procurar com os outros músicos pontos comunicantes, investindo em intervenções criativas e precisas, como mostrou recentemente numa actuação em duo com Sebastian Lexer no Festival Rendez-Vous, em Setúbal.

Comissariado por Pedro Costa, da editora Clean Feed, este ciclo de concertos tem desafiado o conceito contemporâneo de “jazz”. Curiosa, desafiante, provocadora, a programação de Costa aposta em projectos que apresentam pontos de contacto com o jazz, mas não se deixam categorizar facilmente. Naturalmente o nome do ciclo não procura encontrar uma resposta definitiva (provavelmente nem o comissário há-de querer, ou saber, responder), mas pretende desafiar ideias sobre rótulos, géneros e preconceitos e levantar muitas questões. Não se esperem milagres, as respostas dadas pelo Zul Zelub *featuring* Prévost não deverão ser conclusivas. Assumidamente experimental na forma, certamente não se tratará de jazz (na sua forma clássica imutável), mas seguramente a actuação irá integrar elementos que fazem parte do seu ADN: a improvisação, claro, característica primordial da música definida por Armstrong, Parker e Coltrane; a comunicação, as estratégias de diálogo, a interacção; e a abertura, uma vez que o jazz é a música mais aberta a contaminações, ainda que muitos nos queiram fazer crer num jazz como música fechada, encerrada a preto e branco.

Mais importante, no entanto, do que

resposta à questão que o título do ciclo de concertos de forma matreira levanta, será simplesmente desfrutar da música proporcionada por este trio. Combinando veteranias e juventude, o trio Barreto/Runa/Prévost irá aproveitar a improvável combinação instrumental – piano, computador e percussão – para desenvolver uma massa sonora original, conjunto de pequenos contributos individuais que ganharão forma na união colectiva. Os músicos prometem uma “música aberta, com inflexões de jazz vanguardista, música improvisada com embrulho electrónico”. Só poderemos garantir que não conseguimos prever o que vai acontecer. E isso é um grande elogio.

Nuno Catarino

Crítico de jazz

Público · jazz.pt · bodyspace.net

Próximo espectáculo

Paint Me

Uma ópera de Luís Tinoco e Stephen Plaice

Ópera Sex 17, Sáb 18 Dezembro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h00 · M12



© Rui Horta

Música Luís Tinoco **Libreto** Stephen Plaice
Direcção musical Joana Carneiro **Encenação, cenografia, desenho de luz e conceito multimédia** Rui Horta
Figurinos Ricardo Preto **Video** Guilherme Martins **Electrónica e desenho de som** Carlos Caires
Intérpretes: Tula Raquel Camarinha Ruth Eduarda Melo **Stephanie** Patrícia Quinta **Howard** Hugo Oliveira **Padre** Job Tomé **Lee** João Rodrigues
Elementos da Orquestra Sinfónica Portuguesa **Caracterização** Jorge Bragada e Raquel Pavão para **Face Off** **Cabelos** Helena Vaz Pereira para **Griffe Hairstyle**
Máscaras João Prazeres **Tradução do libreto** Marta Lisboa **Assistente musical** Carla Lourenço
Uma encomenda da Culturgest **Co-produção** Teatro Nacional de São Carlos, Culturgest

A minha ideia para *Paint Me* (Pinta-me) era juntar seis personagens, todas com uma vida interior bastante criativa e fértil, e explorar o que é que elas pensariam umas das outras quando limitadas a um compartimento de comboio. O modelo formal do meu libreto é a obra *The Canterbury Tales*, escrita por Geoffrey Chaucer no século XIV.

Os viajantes de *Paint Me* também

vão a caminho de Canterbury, mas a diferença é que estes são estranhos que foram agrupados em virtude da aleatoriedade da forma de viajar moderna, e os seus contos são narrados para si próprios, nas suas próprias fantasias.

Na idade moderna, quase todas as viagens realizadas por indivíduos são conduzidas em silêncio e anonimamente. Cada um de nós tem apenas acesso a uma impressão visual ou aos maneirismos das pessoas que se sentam à sua frente. Esta introspecção em público abre um espaço de fantasia privado, no qual os nossos companheiros de viagem se podem tornar personagens de breves dramatizações psicológicas.

Tentei, sim, dar o formato de uma narrativa completa às fantasias de cada uma das personagens. O resultado é uma espécie de antologia de *short stories* em forma de ópera, enquadrada no contexto de uma vulgar viagem.

Stephen Plaice

Os portadores de bilhete para o espectáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe
Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
